



Os enfoques do Jornalismo Ambiental nas páginas da DBO Gestos de leitura a partir da “revista de negócios em pecuária”³

Morgana NUNES¹
Ariane Carla PEREIRA²
Universidade Estadual do Centro-Oeste

Resumo

As práticas discursivas produzem e fazem circular sentidos na(s) sociedade(s). Dessa maneira, contemporaneamente, não podemos negar que os discursos midiáticos devem ser, seguindo Foucault, tomados como uma “superfície de emergência” dessas práticas discursivas. Assim, ao analisar o discurso jornalístico podemos colocar em evidência como este intervém em práticas sociais e discursivas, no caso deste artigo, acerca do papel, ou da contribuição, da atividade agropecuária para o efeito estufa e o aquecimento global. Numa perspectiva de quem está do lado da produção, neste caso, o discurso dos pecuaristas, representado por meio dos enunciados discursivos da revista DBO. Para isso, tomamos como dispositivo teórico-metodológico a análise do discurso de linha francesa.

Palavras-chave

Jornalismo; Texto Jornalístico; Jornalismo Ambiental; Análise do Discurso; Formações Imaginárias.

Problemas ambientais e agropecuária

A preservação do meio ambiente é um assunto amplo, que envolve os mais diversos setores econômicos, geográficos, sociais e políticos. Por isso, o assunto é pauta constante para a imprensa. Nos últimos meses, o enfoque dado pela mídia relacionado a este assunto, foi sobre as tragédias ambientais. As chuvas em Santa Catarina e no Sudeste do Brasil ocorreram em paralelo a uma série de fenômenos climáticos intensos mundo a fora, como as nevascas na Inglaterra, as piores dos últimos 18 anos, e o inverno rigoroso nos Estados Unidos. Entre outras calamidades, podemos apontar o terremoto no Haiti que causou destruição por todos os lados da capital, Porto Príncipe, deixando milhares de vítimas e causando mobilização universal, pelo fato de ser o país

³ Trabalho a ser apresentado no XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, na categoria Intercom Júnior – VI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, na divisão temática DT6 – Interfaces da Comunicacionais.

¹ Acadêmica do 3. ano do curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro) e bolsista de Iniciação Científica pela Fundação Araucária – morgana.mo@gmail.com

² Orientadora do trabalho e da Iniciação Científica, é jornalista, mestre em Letras, doutoranda em Comunicação e Cultura (UFRJ), professora efetiva do Departamento de Comunicação Social da Unicentro, em Guarapuava/Paraná – ariane_carla@uol.com.br



mais pobre do Ocidente. Tremores da mesma natureza aconteceram também no Chile, afetando 80% do país e, segundo a então presidente do país, Michele Bachelet, há pelo menos 1 milhão de casas danificadas.

Apontado como sendo um dos indícios destes últimos acontecimentos, está o aquecimento global, tema tão discutido e estudado nas últimas décadas. O aquecimento global da atmosfera (efeito estufa) vem intensificando, segundo estudos, diversos eventos climáticos, de nevascas a furacões e ondas de calor. Prevê-se ainda que, com o aquecimento geral dos oceanos, as massas de água quente excedam as temperaturas-limite com maior frequência, causando fenômenos climáticos extremos. As conseqüências do efeito estufa já são evidentes em muitos eventos, do derretimento das calotas polares às ondas de calor recordistas em muitos locais.

Mas este é apenas um dos diversos desdobramentos que polemizam os efeitos da devastação ambiental causada pela atividade do ser humano. Há ainda as queimadas, a extração ilegal de madeira das árvores centenárias da Amazônia, contrabando de animais silvestres, devastação de reservas legais, de matas ciliares, de cobertura natural, emissão de gases que contribuem para o efeito estufa (na queima de combustíveis fósseis e no desmatamento)... enfim, muitos problemas e desrespeito ambiental.

As ações decorrentes das atividades econômicas e industriais têm provocado alterações na biosfera. Uma das vilãs apontadas para estas modificações no meio ambiente é a agropecuária. A principal acusação a este setor econômico é a de atuar como desmatador, comportando-se, então, como um dos principais causadores do aquecimento global. Desmatador pelo fato da necessidade de vasta extensão de terra para plantio de pasto na cadeia produtiva da carne bovina. E contribuinte ao aquecimento global, pelo fato da pecuária produzir muitos efluentes, como o óxido nítrico, presente no estrume e no arrotado dos animais. Além do uso de químicos (agrotóxicos, pesticidas, adubos, etc) para a imunização e beneficiamento das mais variadas culturas agrícolas, mas em especial a soja.

Ao mesmo tempo em que o setor é acusado por contribuir com o aquecimento global, ele também é impulsionador da economia nacional e, acima de tudo, contribui para uma grande fatia do produto interno bruto brasileiro. Assim, como será que o setor se apresenta sobre o questionamento de uma produção econômica baseada na sustentabilidade? E os veículos de comunicação especializados para o agroprodutor,



discutem o ambientalismo? A partir destas inquietações é que foi definido o caráter desta pesquisa.

Dessa forma, este estudo será apoiado num veículo comunicacional impresso, baseado no jornalismo *agribusiness*, vertente que vem ganhando grande espaço na imprensa brasileira. Há muitos canais de televisão, revistas, programas radiofônicos, portais de internet; tendo como foco principal a divulgação de informações complementares sobre agricultura e economia. O setor deixou de ter o antigo conceito, limitado apenas a informar basicamente pesquisas agrônômicas, para tratar amplamente os assuntos que estão em torno da economia rural. O Jornalismo Rural também tem um vínculo muito forte com a ciência, suas descobertas científicas melhoram nutritivamente e esteticamente os alimentos, refletindo assim diretamente na economia do país. Sendo o agronegócio o principal responsável pela base econômica brasileira.

A proposta deste estudo é analisar como um veículo voltado principalmente à agropecuaristas, aborda os assuntos relacionados ao meio ambiente. Desta maneira chegamos a Revista de Negócios da Pecuária: DBO.

Sobre a revista

A revista DBO teve início na década de 80, como um jornal em formato tabloide, em preto e branco, que era direcionado a leiloeiros rurais. Seus idealizadores são os irmãos Daniel Bilk e Odemar Costa, daí a denominação do veículo.

Como consequência da sua publicação no mercado e a crescente demanda do público leitor, os idealizadores da DBO reformularam os planos iniciais. Naquela época (década de 80), os leilões prevaleciam no comércio pecuarista, mas, apesar de ter importância no mercado econômico nacional, os assuntos relacionados a atividade não eram tratados com profundidade pelos meios de comunicação. Assim, após 5 anos do início da revista, em 1985, já com novo nome, DBO Rural, o conteúdo foi ampliado abrangendo o setor dos negócios rurais. Três anos depois, em 1988, virou revista de periodicidade mensal, deixando de ter como assunto central a cobertura de leilões, cedendo espaço para postagens de campo, sobre sistemas de produção e outras matérias relevantes para a gestão do negócio pecuário.

Até 1998, o conteúdo da DBO se dividia em três blocos – Pecuária Leiteira, Pecuária de Corte e Equinos, com predominância para o segmento corte. Nos anos



seguintes, a revista define seu principal enfoque, pecuária de corte, abordando as evoluções, diferentes modos de manejo, novas tecnologias, interessando principalmente a produtores e profissionais ligados aos segmentos da criação de gado.

A Revista de Negócios da Pecuária comemora, neste ano de 2010, 28 anos e abriu caminho para novos veículos igualmente especializados. Assim, como outros de veículos de comunicação seguiu também para a internet e, em 2004, migrou para o meio digital como Portal DBO.

A internet não foi suficiente para suprir a demanda de pessoas interessadas aos assuntos do campo, a DBO Editores estendeu seu trabalho à televisão, através do programa diário DBO TV, transmitido pelo Canal Terraviva, do Grupo Bandeirantes de Comunicação. Hoje é caracterizada como uma empresa jornalística multimídia contando com três revistas, um programa televisivo e um portal na internet.

Apesar de se adequar as novas tecnologias e migrar para a TV, a DBO está segmentada a um público-alvo bem seletivo. Sua linguagem está empiricamente relacionada ao conjunto de processos ligados ao mercado pecuarista. São temas bem específicos, mas não de difícil entendimento, porém, leigos não os entenderiam de forma concisa.

O conteúdo, como já esperado, trata principalmente dos assuntos que circundam a reprodução, a genética, a suplementação, a comercialização e a negociação dos produtos, com enfoque pecuário. Mas também, trata de forma generalizada, a cadeia de assuntos relacionados ao agronegócio brasileiro.

A revista é composta por editorias que abordam, geralmente, economia, leilões, indústria (maquinários e equipamentos), nutrição e saúde animal, especiais (genética, suplementação, pastagem, etc), cooperativismo, além de colunas de especialistas que tratam do sabor da carne e dos direitos e legislação agroambiental. No final de cada edição há a sessão de classificados com propagandas de empresas ligadas, principalmente, a parte estrutural do negócio pecuarista, como as montadoras de currais, estrutura para tanques ecológicos, imobilizadores de animais, serrarias, etc.

O veículo ainda reserva um espaço para informar seus leitores sobre assuntos ambientais. Periodicamente a revista traz abordagens sobre conferências internacionais, discussões sobre a questão do boi e a Amazônia, sustentabilidade, além de, mensalmente, trazer artigos do jornalista e advogado agroambientalista, Augusto Ribeiro Garcia, que discutem a ciência dos deveres e direitos dos agroprodutores,



alertando e informando-lhes sobre os códigos ambientais, as leis de defesa amazônica, discussões burocráticas sobre legislação da Sociedade Rural Brasileira, etc.

Meio ambiente em pauta na revista DBO

Em 2009, as reportagens relacionadas ao meio ambiente tiveram em média cerca de 3 a 4 páginas. Algumas delas foram exibidas como assunto de capa, como na edição de setembro “Alta produtividade e respeito ambiental”, em que são apresentados alguns exemplos de pecuaristas que seguem as leis ambientais, onde é possível intensificar a produção com alta produtividade e respeitando os limites das reservas ambientais. A mesma reportagem relata ainda sobre o programa de Boas Práticas Agropecuárias promovido pela Embrapa. Mais uma reportagem foi de destaque na capa, “O desafio da Produtividade”, na edição do mês de junho, que trata sobre as dificuldades em associar os fatores socioeconômicos aos fatores ambientais. Ainda no mesmo mês, mas na seção Internacional, o assunto sustentabilidade se fez presente, esta matéria mostrou que tornar a produção sustentável também é dificuldade nos Estados Unidos.

Na seção Panorama, duas matérias trataram de temas relacionados a sustentabilidade e o debate sobre o boi amazônico. Uma na edição de agosto – “Na agenda, a sustentabilidade”, que trouxe aos leitores informações sobre o Workshop Pecuária Sustentável, onde foram discutidas cobranças por parte das empresas importadoras da carne brasileira quanto a produção sustentável –outra na edição de julho, “Luz e Calor no debate sobre o boi amazônico” que trata sobre a iniciativa de produtividade sustentável por parte de toda a cadeia produtiva da carne bovina procedente das áreas que circulam a Amazônia.

A seção Meio Ambiente da edição de maio disserta sobre o decreto federal onde há a exigência de regularidade das propriedades mediante a área de reserva ambiental. A reportagem tem como título “Seringueira é boa opção para consórcio” onde se discute sobre a lei do estado de São Paulo, em que permite-se a “recomposição de reservas ambientais mediante ao plantio consorciado de espécies nativas ou exóticas, como seringueira e eucalipto”. Também na mesma seção, mas no mês de agosto, a revista aborda a “Produção de água, um novo negócio rural”, matéria que trata sobre um projeto ambiental que remunera alguns estabelecimentos rurais produtores de água da



Bacia Hidrográfica do Rio Guandu, baseado na lei de 1997 sobre a Política Nacional dos Recursos Hídricos.

Criação, seção do mês de março, trouxe informações sobre uma organização privada, a Brazilian Gap, que tem como objetivo principal o funcionamento de um manual de boas práticas sociais, ambientais e econômicas. Há ainda a coluna de Henrico Ortolani que trouxe o assunto sobre carne e meio ambiente na edição de outubro e a reportagem “Para 2010 crescimento à vista e desafio ambiental” onde é discutida a expansão do mercado da carne bovina e o desafio de cumprir e tratar de todas as questões ambientais de forma conjunta.

A coluna mensal Direito e Legislação do jornalista e advogado agroambientalista, Augusto Ribeiro Garcia, também trouxe à tona discussões sobre o código ambiental, a regularização fundiária, complicações com produtos florestais, etc.

Este é o balanço do ano de 2009 das reportagens que abordam de alguma forma temas ambientais, matérias e colunas que serão recortadas e utilizadas como *corpus* para esta pesquisa, com o propósito de analisar as condições de produção do discurso sobre os temas ambientais que a revista aborda. Assim, nas próximas páginas, analisaremos, com base da Análise do Discurso de linha francesa, como a revista produz o seu dizer, como se posiciona sobre este assunto e quais as projeções que ela apresenta sobre seu leitor e sobre ela mesma.

Localizando o lugar de onde falamos

As práticas discursivas produzem e fazem circular sentidos na(s) sociedade(s). Dessa maneira, contemporaneamente, não podemos negar que os discursos midiáticos devem ser, seguindo Foucault, tomados como uma “superfície de emergência” dessas práticas discursivas. Assim, ao analisar o discurso jornalístico podemos colocar em evidência como este intervém em práticas sociais e discursivas, no caso deste artigo, acerca do papel, ou da contribuição, da atividade agropecuária para o efeito estufa e o aquecimento global. Numa perspectiva de quem está do lado da produção, neste caso o discurso dos pecuaristas, presente dos enunciados discursivos da revista DBO. Para isso, como dito anteriormente, tomamos como dispositivo teórico-metodológico a análise do discurso de linha francesa, os óculos teóricos que orientarão esta análise.



Esta teoria se propõe em fazer um estudo sobre a palavra em percurso, portanto, seu principal objeto de análise é o discurso, seja ele falado ou escrito. Linguagem enquanto discurso é interação, modo de produção interligada às relações sociais, não sendo de maneira nenhuma, neutra, inocente e natural. A linguagem em percurso é pensada e estruturada para atingir diferentes manifestações sociais e ideológicas, não podendo assim, ser estudada fora dos agentes coletivos. O discurso, é o elemento necessário para a mediação entre o homem e os processos sócios, históricos e ideológicos que o cercam, não sendo, pois, desvinculados de suas condições de produção.

Segundo Foucault, a teoria do Discurso responde pelo estudo da dispersão dos elementos formadores do discurso, buscando estabelecer regras capazes de reger a formação e possibilitando assim, a determinação desses elementos que o compõem. Cabe a esta teoria traçar os caminhos e as condições sócio, histórica e ideológica por onde o discurso proferido passa.

O discurso, para a AD, é tomado como uma prática social, historicamente determinada, que constitui os sujeitos e os objetos. Assim, pensar a mídia como prática discursiva, produto de linguagem e processo histórico significa “procurar acompanhar trajetórias históricas de sentido materializados nas formas discursivas da mídia, (...) redes de memórias que evidenciam as articulações entre práticas discursivas e a produção de identidades” (GREGOLIN, 2007, p.13). Assim, a memória, também chamada de interdiscurso é:

uma região de encontros e de confrontos de sentidos. A interpretação se alimenta exatamente dessa contradição: ao mesmo tempo em que os discursos se confraternizam eles se digladiam no campo social. Os gêneros, materialização textualizada dos discursos, estão, por isso, em constante redimensionamento e reconfiguração e a interpretação de um texto deve ser feita dentro do amplo domínio dos campos discursivos que o circundam pois nenhum texto esgota-se em si mesmo (GREGOLIN, 2003, p.50)

A memória, ou o interdiscurso – definido como aquilo que é dito antes em outro lugar, independentemente, mostrando que há outros discursos dentro daquele, que os limites estão espalhados e passam por transformações – faz parte da constituição de todo e qualquer discurso.

A pecuária e o meio ambiente pelas lentes da DBO: gesto de interpretação



Se, ao longo do tempo, os discursos passam por transformações é porque as maneiras como os sujeitos encaram o mundo também mudam. Ao produzir o discurso o sujeito é interpelado como sujeito ideológico, sem saber que seu discurso remete a lugares que estão relacionados a certas classes sociais, onde cada uma delas tem sua organização de posições políticas e ideológicas:

Cada formação ideológica constitui assim um conjunto complexo de atitudes e de representações que não são nem “individuais” nem “universais” mas se relacionam mais ou menos indiretamente a posições de classe em conflito umas em relação às outras. (HAROCHE ET AL apud BRANDÃO, p.47)

Ou seja, as ideologias que perpassam os sujeitos não são estanques e tão pouco as formações ideológicas sobre assuntos específicos, os enunciados se relacionam sendo portanto susceptíveis a intervenções de outros. Onde se confrontam, se complementam e são pertencentes, ou não, a certas formações discursivas.

A partir da exigência de rastreabilidade, o pecuarista Nei Neves da Silva em parceria com seu filho Fábio Neves, da fazenda Talismã, em Rondonópolis, MT, perceberam que precisavam avançar nos demais controles, como manejo, questões ambientais e contrato com a equipe. (DBO, Março de 2009, p. 42)

O que pudemos perceber neste recorte é que há produção de idéias em que determinadas condições sociais e históricas elas são produzidas. Há várias ideologias que se inter cruzam para produzir este discurso. Este recorte faz parte da matéria intitulada “Brazilian Gap, uma referência nacional para as boas práticas”, onde é possível traçar certas filiações ideológicas do sujeito.

A rastreabilidade é um recurso onde se faz a análise desde a produção de insumos agrícolas até o abate do boi em frigoríficos. E isso é tendência nos últimos anos na produção de carne, tendo como principal objetivo informar o consumidor de que aquela cadeia de produção de carne bovina, é economicamente sustentável. O produtor do discurso se insere em dadas formações discursivas/ideológicas, ligadas aos discursos ambientais, demonstrando preocupação agropecuária consciente. Econômicos, pela lógica de mercado, produzir e vender tendo como um dos objetivos retorno financeiro, e de conhecimentos da produção de gado de corte, onde se lê manejo e a



designação do entrevistado, como pecuarista. Além de ter uma preocupação social, explicitada ao final do recorte “contrato da equipe”, remetendo à regularização dos funcionários, mediante a uma carteira de trabalho.

Esse conjunto de formações discursivas são materializadas por meio das formações ideológicas. Uma depende da outra para obter pleno funcionamento no discurso.

É a FD que permite dar conta do fato de que sujeitos falantes, situados numa determinada conjuntura histórica, possam concordar ou não sob os sentidos a dar às palavras, “falar diferentemente falando a mesma língua”. Isso leva a constatar que uma FD não é “uma única linguagem para todos” ou “para cada um sua linguagem”, mas que numa FD o que se tem é “várias linguagens em uma única” (BRANDÃO, 2004, p.49).

Uma formação discursiva exprime muitas vozes de diferentes filiações ideológicas, estabelecendo sentidos, em momentos históricos distintos.

Na avaliação de especialistas, a impunidade dos crimes ambientais e a omissão da autoridade na proteção de terras públicas favorecem a grilagem, que desestimula o investimento no aumento da produtividade das áreas desmatadas. Aí estaria a razão para a baixa produtividade da pecuária na região, segundo o que denunciam as ONGS.

Esta gama de discursos direcionados ao mesmo assunto, mas ditos por indivíduos de diferentes filiações ideológicas, traz à tona um tema que está no auge das discussões dentre os mais diversos grupos sociais. Discussões estas que só tem sentido e fundamento do séc XX para cá, época em que os debates sobre a preservação amazônica começaram a surgir, caminhando juntamente com os estudos científicos, relacionados ao efeito estufa, aquecimento global e as demais ações que, de alguma forma, prejudicariam a sobrevivência da biosfera. A economia caminha junto com uma produção ecologicamente sustentável, e como pudemos observar no recorte, também faz parte das pautas dos congressos relacionados a produção agropecuária, onde se filiam a mesma ideologia mas ligados a outras vertentes de pensamentos, como política, economia, legalidade, etc. Preocupação diretamente ligada a atender as exigências do mercado e ao atendimento ao público consumidor, que exige do produtor rural, respeito ao meio ambiente. Assim, a atividade pecuária, a criação de gado passou por muitas transformações ao longo das últimas décadas. Mudanças que são resultado de uma série



de fatores como o desenvolvimento a implementação da tecnologia e a demanda por carne que cresce juntamente com o aumento da população. Tais fatores apresentados são correlatos e representam um salto na produção de carne bovina, crescimento que como qualquer outro a alavancar a economia tem conseqüências sobre o meio, como evidencia a revista DBO na edição de junho:

Os últimos trinta anos de crescimento da economia rondoniense representam também um elevado custo ambiental, com a destruição das matas ciliares, assoreamento de rios, desrespeito aos limites da reserva legal e outros. O desmatamento acompanhou o ritmo da ocupação, tendo sido exigido na época pelo Incra como condição para a concessão ao título de propriedade: “Quem cobra agora o reflorestamento de 80% da área é a mesma autoridade que antes cobrava o desmatamento de 50%” afirma o ex governador Assis Canuto. (DBO, junho de 2009, p.56)

O recorte faz alusão às décadas passadas em que era necessário ocupar terras para que nós, brasileiros, não as perdêssemos. A algum tempo atrás, a natureza era vista como desafio para o progresso e a produtividade, os recursos naturais eram infinitos para os produtores da época, eles jamais cogitavam a idéia de que o desmatamento de coberturas naturais acarretassem futuramente em efeitos negativos sobre o clima, a terra, as águas, ao ar, etc. Faz-se, portanto, uso da memória para explicar o porque do desmatamento de décadas atrás. Há quem use discursos da “Marcha para o Oeste” da era Vargas, onde havia a preocupação em ocupar o território nacional, para explicar o porque da destruição à natureza ainda nos dias de hoje. Esses discursos proferidos principalmente por políticos de antigamente, influenciam nas transformações dos discursos de defesa do produtor rural quanto às exigências governamentais dos dias atuais. O reflorestamento de 80%, para os agroprodutores, é algo contraditório levando em consideração os sentidos dos discursos do passado.

Mas na década de 80 houve grande intensificação sobre a preservação ambiental, principalmente após o assassinato de Chico Mendes famoso líder sindical que participou ativamente em defesa da Amazônia percorrendo várias regiões do Brasil, participando de seminários, palestras e congressos, com o objetivo de denunciar a ação predatória contra a floresta.

Portanto, não há sentidos que não se relacionem com outros. Discursos atuais que remetem a discursos anteriores e apontam para a formulação de outros futuros.



Afinal, para a AD, o discurso é tomado como palavra em curso, percurso. Por isso, a produção de sentidos é tomada como processo, portanto, continuidade.

Relações de Sentidos nas quais é produzido: assim, tal discurso remete a tal outro, frente ao qual é uma resposta direta ou indireta, ou do qual ele “orquestra” os termos principais ou anula os argumentos. Em outros termos, o processo discursivo não tem, de direito, início: o discurso se conjuga sempre sobre um discursivo prévio, ao qual ele atribui o papel de matéria-prima, e o orador sabe que quando *evoca* tal acontecimento, que já foi objeto de discurso, ressuscita no espírito dos ouvintes o discurso no qual este acontecimento era alegado, com as “deformações” que a situação presente introduz e da qual pode tirar partido (PECHEUX In GADET; HAK, 2001, p.77).

Os discursos sobre a preservação ambiental proferidos por Chico Mendes, o crescimento de conferências nacionais como a Eco – 92, onde é inserida a questão ambiental na agenda do desenvolvimento, e o fato de a Amazônia ser pauta dos problemas globais, se transformaram. Devastação, em épocas passadas, era progresso, combate a primitividade e exaltação do homem civilizado, urbanizado; hoje, é vista como um grande problema que deve ser combatido. Os sentidos mudam, transformam-se, adequam-se a realidade histórica e social vivenciada. Os agropecuaristas e a política já enxergam a destruição da natureza de outra forma, como evidencia este recorte:

A implementação da estratégia governamental pode variar de intensidade com o tempo, mas o combate as práticas ambientalmente incorretas veio para ficar. É o que concluem vários palestrantes que participaram do Workshop Pecuária Sustentável, promovido pelo portal Beef Point, em 16 de julho, no Agrocentro na capital paulista. “O comércio internacional deverá incorporar cada vez mais, temas não alfandegários, como o sócio ambiental, em seus critérios”, advertiu Luís Fernando Laranja, ex integrante da organização não governamental WWF, World Wide Foundation e atual diretor da empresa Ouro Verde, que atua na Amazônia em projetos de sustentabilidade. (DBO, agosto de 2009, p.14)

Hoje, a preservação ambiental é exigida como condição relevante para o sucesso nos negócios rurais. O agroprodutor sabe disso, há uma exigência grande por parte das autoridades políticas e também por parte da economia mundial, mercado consumidoras *commodities* nacionais. Os assuntos tratados em conferências que relacionam economia e política, deixaram de ter na pauta temas relacionados aos tributos cobra dos pelos



governos de todos os países, sobre produtos importados e exportados, o assunto da vez é relacionado as boas práticas ambientais.

Foi necessária a introdução de novos discursos para a transformação daqueles antigos discursos, mas estes, serviram de base para a discussão dos novos discursos. Novas tendências sobre a preservação ambiental surgiram com o crescimento das Ongs governamentais e não governamentais, que se mobilizam à favor das causas do meio ambiente. Uma dessas associações, chamada de Comitê Chico Mendes, por exemplo, utiliza discursos, idéias e princípios do líder morto para propor parâmetros para as ações favoráveis a floresta.

é consenso geral, entre produtores, autoridades, ambientalistas e pesquisadores no Estado, que, diferentemente do que ocorreu no passado, a abertura de novas áreas para o aumento da produção é totalmente fora de propósito. Para continuar crescendo, a pecuária precisa apoiar-se, de agora em diante, na elevação da produtividade, sem avançar sobre a floresta. Nesse contexto, torna-se vital o recurso técnico de recuperação de pastagens degradadas. (DBO, junho de 2009 p.56)

O produtor do discurso da revista a todo momento se refere e se posiciona no lugar do leitor, ele sabe que o público do veículo é segmentado, por isso adequa os termos, as palavras e suas significações de acordo com o que o agroprodutor poderá compreender relacionando o tema ambiental e a economia do campo. O recorte traz expressão do pensamento pela palavra condizente a seu público alvo, produtor rural quase preocupa com as exigências de sustentabilidade ambiental. Leitor preocupado em produzir sem avançar sobre a floresta e que, a todo momento necessita reciclar seus conhecimentos para que possa elevar sua produtividade sem degradar. Neste caso, esse processo de apresentação de argumentos, visa trazer efeitos em tom de alerta para que o próprio leitor (produtor rural) reflita da seguinte maneira: “A questão ambiental pode destruir o meu negócio? A questão ambiental pode afetar a imagem do meu negócio? A questão ambiental pode ser a solução do meu negócio?” (DBO, agosto de 2009, p.15).

Tal como no embate ambiental, os discursos também possuem relações de forças. Isto é, como nossa sociedade é constituída por relações hierarquizadas, o lugar a partir do qual fala o sujeito é constitutivo do que ele diz, assim, são relações de força, sustentadas no poder desses diferentes lugares, que se fazem valer na comunicação.



o que diz, o que anuncia, promete ou denuncia não tem o mesmo estatuto conforme o lugar que ele ocupa; a mesma declaração pode ser uma arma temível ou uma comédia ridícula segundo a posição do orador e do que ele representa, em relação o que diz: um discurso pode ser um ato político direto ou um gesto vazio, para “dar o troco”, o que é uma outra forma de ação política. (PECHEUX In GADET; HAK, 2001, p.77)

No caso do embate atividade agropecuária-meio ambiente, os discursos são difusos e contraditórios, como já dito em parágrafos anteriores. Então, é difícil para o produtor rural entender o fato de que a mesma organização que ostentava o desmatamento de 50% da área, seja hoje, mobilizadora da bandeira verde na defesa da floresta amazônica. O assunto é polêmico e estabelece relações com muitas organizações, instituições de diversas patentes e ideologias distintas, é e será muito difícil fazer com que todas cheguem a um consenso, mas sempre há aqueles, que por conta da posição que ocupam, cujo dizer (re)soa mais fortemente:

Da escalada de embates, nos últimos meses, entre representantes da pecuária, ONGs, frigoríficos, redes varejistas, parlamentares, Ministério Público, Ibama e governo, a propósito de questões ambientais associadas à regularização fundiária da Amazônia, surgiram duas iniciativas de grande envergadura institucional que se constituem em desafio à capacidade do setor de produção que lidera o processo de sustentabilidade na cadeia produtiva da carne bovina. São elas: 1- A decisão das três maiores redes de supermercado do país- Walt – Mart, Carrefour e Pão de Açúcar – de suspender as compras das fazendas envolvidas no desmatamento da Amazônia e de trabalhar com auditoria de origem. 2- A reiteração da decisão dos três maiores frigoríficos nacionais – Marfrig, FriBoi e Betin - entre outros, de não comprar animais de fazendas que tenham seu nome inscrito na lista negra do trabalho escravo, condenadas por grilagem de terra, violência agrária e desmatamento ilegal ou possuir criar ou comprar gados de áreas indígenas. (DBO, junho de 2009, p.12)

A sustentabilidade é o assunto mais discutido por parte da bancada ruralista, o produtor rural sabe que, se não seguir as regras sofrerá, de alguma forma, malefícios ao seu negócio. O setor pecuarista, principal acusado pela devastação da cobertura natural, está abaixo do detentor de poder. A força maior, neste caso, está nos compradores e nos consumidores dos produtos oferecidos pela pecuária. Os consumidores de hoje, não querem ter a preocupação de que aquele animal passou por áreas desmatadas, eles querem ter a consciência limpa. O governo promove medidas sustentáveis como fator de reconhecimento pelas boas práticas, assim os produtores vendem mais, refletindo



diretamente na economia nacional. São ações econômicas e políticas que estão mudando o pensamento dos que causam problemas, não somente aos recursos ambientais, mas também, a violência agrária, grilagem de terras, desrespeito as áreas indígenas, etc. Portanto, são relações de forças, quem está no topo exige de quem está abaixo. As leis dos Ministérios exigem das redes de supermercados e frigoríficos que exigem de seus fornecedores, e os consumidores exigem de todos. Todo este segmento em favor de um bem comum, a preservação ambiental.

Pudemos perceber que o discurso (palavra em percurso) passa por diversos caminhos antes que realmente seja constituído, de acordo como cada veículo de informação deseja realmente informar. Todos estes conceitos abordados, desembocam no que chamamos de Formações Imaginárias. As relações de força, de sentidos e a antecipação são constituintes para o funcionamento das formações imaginárias.

que designam o lugar de A e B se atribuem cada um a si e ao outro, a imagem que eles se fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro, a imagem que eles se fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro. Se assim ocorre, existem nos mecanismos de qualquer formação social regra de projeção, que estabelecem as relações entre as situações (objetivamente definíveis) e as posições (representações dessas situações) (PECHEUX In GADET; HAK, 2001, p.82).

O sujeito que fala tem dois horizontes imaginários ao longo dos quais se desloca na enunciação dirigida a um interlocutor, refletindo sobre si e sobre o outro. Os lugares são representados nos processos discursivos que são colocados em jogo. No processo de discursividade o sujeito projeta várias imagens, seja do veículo, dele mesmo, de seu público; para que haja encaixe do discurso ao seu ouvinte, ao veículo, ao público etc.

As formações imaginárias se dividem, segundo Pêcheux, em:

IA(A)- imagem do lugar A de para o sujeito colocado em A.

IA (B)- imagem do lugar de B para o sujeito colocado em A

IB (B)- Imagem do lugar de B para o sujeito colocado em B

IB (A) – imagem do lugar de A para o sujeito colocado em B

Trazendo este esquema teórico para dentro da revista pudemos estabelecer as seguintes definições:

Imagem da Revista DBO para a própria publicação: mensalmente, em suas capas, a publicação se define como “a revista de negócios em pecuária”. Isso significa que a revista se coloca num lugar de poder, o que de quem tem autoridade para falar sobre a atividade pecuária e sobre como ganhar dinheiro (fazer bons negócios) com ela.

Imagem do leitor da Revista DBO para a própria publicação: pecuarista com perfil de homem de negócios, pessoas que buscam informações de qualidade sobre como melhorar a produção e, assim, ampliar seus negócios e rendimentos.

Imagem do leitor da Revista DBO para o próprio leitor da publicação: homem de negócios da pecuária que busca informações sobre como produzir mais e melhor e, por isso, escolheu a “revista de negócios da pecuária”.

Imagem da revista DBO para o leitor da publicação: revista que fornece as informações específicas que ele, pecuarista, procura. Especificidade que se dá porque a publicação é feita por pessoas que também são do ramo, ou seja, outros pecuaristas e não pecuaristas comuns, pessoas de sucesso e, por este motivo, autorizadas a repassar suas experiências aos leitores e demais contribuintes deste setor econômico.

Finalizando a análise: de onde e para quem fala a revista DBO

Pudemos observar o caminho que os discursos fazem para que haja o estabelecimento de sentidos. Notamos que os discursos passados sobre a preservação ambiental serviram de base para indagações futuras. Os discursos foram se transformando com o tempo e se adequando ao contexto histórico, social e ideológico de cada época. Em cada período de tempo os discursos significam de forma diferente, pelo fato de serem contínuos e heterogêneos. Vimos também que cada enunciador se adequa ao seu público-alvo.

No tocante a preservação ambiental, constatamos que a revista, a todo tempo, alerta seus leitores (produtores rurais) sobre o não cumprimento das exigências para a não degradação do meio ambiente, e que fatores de sustentabilidade influenciam positivamente e economicamente nos negócios rurais. A revista se posiciona como



quem produz e, ao mesmo tempo, se preocupa com o benefício de negócio por executar boas práticas ambientais, assim, alerta aquele produtor que ainda não tem esta preocupação, que suas más atitudes à natureza podem ser prejudiciais ao seu negócio.

Ainda há a discussão sobre a preservação natural, um tema complexo e que envolve muitas entidades, governos, produtores, cientistas, ambientalistas, enfim, uma teia de diferentes pensamentos e posições sociais que influenciam hierarquicamente no poder dos discursos, nas relações de forças. E por fim notamos que a revista projeta várias imagens, projeções, opiniões, sobre ela mesma, sobre seus leitores; da revista para com os leitores e dos leitores para com a revista.

O interessante é notar que este veículo especializado a agropecuaristas tem como pauta constante, discussões sobre a preservação ambiental e a sustentabilidade, como forma de alertar e induzir seus leitores às boas práticas ambientais, exemplificando com fatores reais, de pessoas que conseguem unir harmonicamente ao seu negócio, a natureza e o setor econômico agroprodutor. O propósito da revista é informar aos leitores, que há a possibilidade de executar as duas coisas em conjunto, respeito ambiental e lucro. O veículo tem um grande poder de instruir o agropecuarista a constatação dessa capacidade.

Referências

FERNANDES, Claudemar. **Análise do Discurso:** reflexões introdutórias. 2ed. São Carlos: Claraluz 2001.

GADET, Françoise; HAK, Tony. **Por uma análise automática do discurso.** Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

GREGOLIN, Maria do Rosário; BARONAS, Roberto (Orgs.). **Análise do discurso:** as materialidades do sentido. 2.ed. São Carlos: Claraluz, 2003.

GOMES, Mayra Rodrigues. **Jornalismo e ciências da linguagem.** São Paulo: Hacker, 2000.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso e texto:** formulação e circulação dos sentidos. 2.ed. Campinas: Pontes, 2005.

_____. **Análise de discurso:** princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 1999.



PORTAL DBO – sobre a revista. Disponível em:

<http://www.portaldbo.com.br/revistadbo/PerfildaRedacao.aspx> Acesso em 22 de dezembro de 2009.

BRANDÃO, Helena. **Introdução à análise do discurso**. 2.ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. 7.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.